

Editores

Breno Martins Campos
Ceci Maria Costa Baptista Mariani

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.

Recebido

19 fev. 2024

Versão Final

5 maio 2024

Aprovado

18 jun. 2024

Espiritualidade do conflito: uma abordagem segundo o livro do Apocalipse

Spirituality of conflict: an approach according to the Book of Revelation

Rogério Luiz Zanini¹ 

¹ Instituto de Teologia e Pastoral, Faculdade de Teologia e Ciências Humanas. Passo Fundo, RS, Brasil. E-mail: <zaninipastoral@hotmail.com>.

Como citar este artigo: Zanini, R. L. Espiritualidade do conflito: uma abordagem segundo o livro do Apocalipse. *Reflexão*, v. 49, e2411459, 2024. <https://doi.org/10.24220/2447-6803v49a2024e11459>

Resumo

Este artigo se propõe a refletir a espiritualidade do conflito presente no livro do Apocalipse de São João. Se, por um lado, cresce a necessidade de compreender a espiritualidade como aquela que impulsiona a vida cristã, por outro lado, o livro do Apocalipse tem prestado muitas vezes um desserviço à espiritualidade por colocar medo e aumentar ainda mais os dramas humanos, na medida em que assumem uma interpretação fundamentalista, deslocada de seu contexto de origem. Sendo assim, o objetivo central do artigo é verificar como esse livro bíblico contém uma espiritualidade radical, pois faz uma crítica profética de enfrentamento ao Império Romano, grande opressor dos cristãos no fim do primeiro século da era cristã. Por isso, o interesse desta reflexão é, em primeiro lugar, partindo de uma abordagem bibliográfica, desenvolver uma chave de leitura que assume uma perspectiva espiritual libertadora. Na sequência, o interesse está em compreender a proposta profética de João, particularmente considerando a resistência lúcida, a esperança ativa, o resgate da utopia e o Apocalipse como um livro aberto. A partir desses dois elementos, quer-se concluir afirmando que o livro do Apocalipse oferece uma espiritualidade do conflito, *incômoda*, como consequência da Palavra de Deus e do testemunho de Jesus Cristo (Ap 1,9).

Palavras-chave: Apocalipse. Conflito. Espiritualidade. Seguimento.

Abstract

This article proposes to approach the spirituality of the conflict based on the Apocalypse of Saint John. If, on the one hand, there is a growing need to understand spirituality as that which drives Christian life, on the other hand, the book of Revelation has often done a disservice to spirituality, creating fear and further increasing human dramas, due to its fundamentalist interpretations. Therefore, the central objective of the article is to verify how this biblical book contains a radical spirituality, because it makes a prophetic critique of confronting the Roman Empire, the great oppressor of Christians at the end of the first century of the Christian era. Because of that, the interest of this reflection is, firstly, starting from a bibliographical approach, to develop a reading key that assumes a liberating spiritual perspective. Next, the interest is in understanding John's prophetic proposal, particularly considering lucid resistance, active hope, the rescue of utopia and the Apocalypse as an open book. From these two elements, we want to conclude by stating that the book of Revelation offers a spirituality of conflict, uncomfortable, as a consequence of the mission assumed by Christians following the Lamb sacrificed, killed and resurrected.

Keywords: Apocalypse. Conflict. Spirituality. Follow-up.

Introdução

Falar de espiritualidade produz reações contrárias. Para algumas pessoas trata-se do que existe de mais nobre e importante para o ser humano trilhar o caminho da existência e da felicidade. Para outras pessoas, ao contrário, a espiritualidade não interessa e é inadmissível, ou porque carrega a marca mágica da solução de todos os problemas, ou por oferecer fuga dos problemas da vida.

Por isso, para adentrar no tema da espiritualidade servem as palavras do profeta e místico Pedro Casaldáliga, quando faz a seguinte observação: “[...] espiritualidade é uma palavra infeliz, desmoralizada, pelo abuso teórico e prático com que foi manuseada – e em boa parte ainda é! – como esfera distante da vida real, espiritualidade desencarnada, e fuga de compromisso” (Casaldáliga, 2003, p. 7). E infelizmente se chega a essa confusão porque a palavra *espírito* recebeu oposição à matéria e ao corpo. Desta forma, “[...] uma pessoa será espiritual quando viver sem se preocupar com o que é material, nem sequer com seu próprio corpo, instalando-se em etéreas realidades espirituais” (Casaldáliga, 2003, p. 7).

Ora, essa confusão em torno da compreensão do que é espiritualidade possibilita falsear a mística cristã, jogando-a para uma dimensão a-histórica, sem compromisso com as realidades de carne e osso da humanidade sofredora. A fé cristã importa-se e deixa-se afetar pelas realidades e situações humanas, sejam quais forem. Basta observar a prática de Jesus que não deixa dúvidas sobre a importância do cuidado e da necessidade de promover a vida, das mais diferentes maneiras (Mesters, 2009).

Para a vida eclesial, o Concílio Vaticano II foi o grande impulso da necessidade de recuperar o valor e a dignidade das realidades terrestres (*Gaudium et Spes* [GS] 1), oferecendo um sentido cristológico, porque o assumido foi redimido (Gregório de Nissa). O Deus cristão, revelado por Jesus Cristo, quer santificar e salvar a natureza humana pelo próprio mistério da encarnação ou pela união da divindade com a humanidade (GS, 22).

Essa perspectiva da encarnação, segundo a fé cristã, conduz a uma espiritualidade que assuma o mundo como terra natal de Deus. Esse modo de entender o cristianismo se ratifica no Novo Testamento, especialmente nas palavras de Jesus: “Deus tanto amou o mundo que deu seu Filho único, para que todo o que crê n’Ele não pereça, senão que tenha vida eterna” (Jo 3,16)². São palavras da Escritura que precisam ser tomadas em um sentido programático.

O Papa Francisco (2013) na *Evangelii Gaudium* (EG) também constata a preocupação com uma espiritualidade individualista entre os cristãos. “Há que rejeitar a tentação duma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação” (EG, 262). Certamente, os cristãos devem ser místicos, porém, não exclusivamente no sentido de uma experiência individual espiritual, senão de uma experiência de solidariedade espiritual.

Esse fato coloca o tema da espiritualidade entre as preocupações, uma vez que existe o perigo de ser compreendida de forma diversa e em contradição com a proposta cristã. Por isso, o tema da espiritualidade é uma das questões que acompanha a reflexão teológica, e na Teologia da Libertação sempre esteve sob cuidados especiais. Para o teólogo Gustavo Gutiérrez, “[...] esquecem-se também de que a espiritualidade cristã não se move em um âmbito etéreo, mas fala sempre – deve sempre falar – da relação com o cotidiano e com a solidariedade com os outros, especialmente os mais fracos da sociedade” (Müller; Gutiérrez, 2014, p. 147).

² Todas as passagens bíblicas foram extraídas da Bíblia de Jerusalém (2002).

Se o tema da espiritualidade carrega uma gama de dificuldades, não é muito diferente com a literatura apocalíptica. Particularmente, o livro do Apocalipse tem sofrido e sofre das mais diferentes compreensões e interpretações. Na maioria das vezes, serve para imprimir medo através de uma perspectiva fundamentalista do fim do mundo e dos males como castigo de Deus.

No entanto, essas interpretações literais ou fundamentalistas são destoantes com os objetivos do livro do Apocalipse, que deseja alimentar a esperança, superar o medo e fomentar uma espiritualidade profética perante o contexto de opressão e de perseguição provocado pelo Império Romano no final do primeiro século da era cristã. E aí está a importância de descobrir a força espiritual que os cristãos podem encontrar no hoje da história para enfrentar ou resistir à proposta oferecida pelo sistema capitalista, que coloca o lucro, os bens econômicos e as riquezas, acima da vida das pessoas. Essa perspectiva tem sido firmemente denunciada pelo Papa Francisco, pois “assim como o mandamento ‘não matar’ põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer não a uma economia da exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata” (EG, 53).

Por isso, o interesse desta reflexão, em primeiro lugar, se concentra em contextualizar o livro do Apocalipse dentro do que pode oferecer de perspectiva espiritual libertadora. Há um consenso que a literatura apocalíptica é uma literatura de pessoas oprimidas, humilhadas e marginalizadas da sociedade (Richard, 1990). E, em segundo lugar, o interesse em compreender a proposta profética de João, particularmente considerando a resistência lúcida, a esperança ativa, o resgate da utopia e o Apocalipse como um livro aberto com força motriz para transformar a realidade do mundo.

As comunidades cristãs x o Império Romano

Podemos começar atestando que embora o gênero apocalíptico seja encontrado no Primeiro Testamento e no Segundo Testamento, pelas dificuldades de sua compreensão não foi no início da Igreja, pelo menos em alguns setores, considerado como literatura inspirada. Inexplorado praticamente até o século XIX. No entanto, como lembra Richard (1990, p. 37), “é muito conhecida a posição de E. Käsemann sobre a apocalíptica como verdadeiro começo da teologia cristã primitiva”. Mãe da teologia por suas raízes históricas, por sua inserção nos movimentos apocalípticos populares, por ser fundo do movimento de Jesus e da Igreja primitiva. Portanto, não mãe de qualquer teologia, mas de uma teologia histórica, política, popular, escatológica, oposta a uma teologia greco-latina, excessivamente helenizada (Richard, 1990).

Essa valorização, porém, não se sustentou no caminho da história do cristianismo, e o movimento apocalíptico foi perdendo força e espaço, dando lugar para a penetração do helenismo na Igreja. Como lembra Marcelo Barros, o livro do Êxodo, junto com a experiência das primeiras comunidades cristãs, foi a grande referência para a caminhada nova de participação nas lutas transformadoras do continente. Em geral, nos primeiros anos de caminhada, tanto por ser uma literatura mais elaborada e aparentemente difícil, como porque tinha sobre ele o peso negativo de interpretações fundamentalistas, o Apocalipse não foi um livro que as comunidades leram. Entretanto, a partir dos anos 90, as comunidades começaram a se apropriar do Apocalipse para ler, aos olhos da fé, a sua experiência de luta e caminhada na direção da libertação (Barros, 2014).

O estudo da literatura apocalíptica mostra que ela floresceu em tempos de crise. Seus escritos mais significativos originaram-se entre o século II a. C e o século I d. C. Uma crise global, porque era uma crise política, econômica, cultural e religiosa (Xavier Alegre, 2014). Na avaliação Pablo Richard (1990, p. 6):

a literatura apocalíptica tem como contexto histórico fundamental a confrontação Povo de Deus - império. Não se trata de um confronto político-militar e sim de uma confrontação cultural, ética, espiritual e teológica (...). Quando a terra parece destruída e ameaçada de morte, quando as maiorias pobres e oprimidas são cada dia mais excluídas das possibilidades de vida, então, se torna precioso reconstruir na consciência o projeto de Deus, oculto aos poderosos, mas revelado aos humildes (Mt 11, 25-26). Apocalipse é a conquista da consciência para a transformação da terra.

Foi essa literatura apocalíptica que, em grande lance, ajudou as comunidades, a partir dos anos 90, a resistirem e enfrentarem as investidas cada vez maiores do Império Romano. Em feliz narrativa, o *Ap 12*, descreve a situação das comunidades e sua luta desigual contra as forças destruidoras do Império. A *mulher grávida*, que estava dando à luz, era ameaçada pela voracidade do dragão. Na sua imensa força e violência, ele queria “lhe devorar o filho logo que nascesse” (*Ap 12,4*). O céu não deixou. O filho está, agora, nos braços de Deus. No céu ele está protegido: lá o dragão não tem poder. Miguel e seus anjos, após uma grande batalha, derrotaram o dragão. Para ele não tem lugar no céu. Derrotado e expulso do céu, o dragão vai derramar seu furor sobre a mulher e sobre seus “descendentes, os que observam os mandamentos de Deus e mantêm o testemunho de Jesus” (*Ap 12,13,17*).

Em poucas linhas, Sandro Gallazzi diz que o livro do Apocalipse nos descreve as razões e a lógica do conflito entre as forças do mal e a mulher que está querendo gerar o *novo*. De um lado, a mulher: o povo dos pobres; do outro, o dragão: “a antiga serpente, o chamado diabo ou Satanás, sedutor de toda a terra habitada” (*Ap 12,9*). Não se trata de conflito de um momento. Ele vem sendo travado desde as origens, desde o dia em que Javé Deus colocou inimizade entre a mulher e a serpente e entre seus respectivos descendentes (*Gn 3,15*) (Gallazzi, 1999).

A mulher vai ser perseguida durante três anos e meio (*Ap 12,6*). A mulher terá que se confrontar com o poder da Besta e da “bestinha”, os aliados do dragão que se unirão para destruí-la. O embate será duro e perigoso, muitos terão que derramar seu sangue, desprezando sua vida até a morte, mas a vitória nunca será do dragão ou de seus aliados. Por fortes e poderosos que possam nos parecer, por sutil e enganadora que possa ser sua sedução, o tempo a eles concebido será sempre e só de três anos e meio. Sete, o tempo da vitória final, será sempre e só de Deus, só a ele pertence.

Segundo Adriano Filho (1999, p. 105), o “Apocalipse 12 é uma narrativa paradigmática que apresenta um conflito entre o povo de Deus e as forças de oposição a Deus, cuja função é incentivar a perseverança da comunidade fiel”. Ou, como expressa Mesters e Orofino (2002), esta narrativa mostra que a perseguição deve ser vista como um sinal de vitória de Jesus sobre o Dragão. Com ironia, João diz que o Satanás é um eterno derrotado, pois foi derrotado por Jesus (*Ap 12,4-6*), pelo Arcanjo Miguel (*Ap 12,7-8*), pelos que creem em Jesus (*Ap 12,11*), pela própria terra (*Ap 12,16*). Em tudo isso a narrativa está antecipando e alertando que o projeto do Dragão/Império Romano caminha para a derrota final (Mesters; Orofino, 2002). Em definitivo, de acordo com o objeto do Apocalipse, esse é plano de Deus – não o fim do mundo, mas o fim da perseguição e da opressão.

Estamos diante da verdadeira espiritualidade do conflito: a espiritualidade que deve alimentar a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus (*Ap 14,12*), e que não se deixam marcar com a marca da *besta* (*Ap 13,17*). Três devem ser nossas certezas segundo Gallazzi (1999), e vale a pena que nós as repitamos uns aos outros, neste tempo em que tudo conspira para nos fazer engolir o falso realismo de quem acha que já não vale a pena sonhar ou ter utopias.

1. O tempo do conflito é tempo de graça e de vida.
2. O poder do império, o poder do mal e o poder sedutor da ideologia dominante não terão força suficiente para destruir o ‘filho’ que é nosso, mas também, filho de Deus.

3. Enquanto, aqui na terra, a gente estiver lutando contra o dragão e todos os seus aliados históricos, o nosso 'filho' estará seguro, no colo de Deus, que a nós o devolverá quando tiverem acabados os três tempos e meio concebidos aos inimigos que queriam devorar o nosso filho, os nossos sonhos, o projeto de Deus e nosso, pelo qual somos capazes de dar a vida: o seu Reino, aqui, entre nós, para sempre (Gallazzi, 1999, p. 94).

É dentro desse contexto que o livro do Apocalipse convida a levar em nossos corpos a marca com o nome do Cordeiro e, ao mesmo tempo, denunciar todos aqueles que levam a marca da besta. A marca da besta se manifesta na desesperança que se transforma em egoísmo. Marca que se traduz em aparente igualdade de direitos, mas no fundo brota como ação para deixar o próximo excluído. Marca que se manifesta na luta pelos primeiros lugares, na competição e na construção de sistemas hierárquicos, verticalistas e patronal. Marca que se fixa no rico que pensa bastar-se a si mesmo, sem a consciência de que para ganhar a vida, precisa perdê-la (*Mt 16,25*). Marca que se alicerça nos pobres, quando deixam de lutar assumindo um caminho de resignação e se instalam no mundo. Em síntese, a marca da besta ou a marca do Cordeiro vivem apenas se houver um corpo onde possam habitar (Manuel Ferrer, 1999).

A proposta profética de João

As comunidades cristãs, às quais João dirige seu Apocalipse, estão vivendo uma dura situação de marginalização e perseguição. João, logo no início, através das cartas dirigidas às diversas Igrejas, recorda que existem malvados e falsos apóstolos (*Ap 2, 2*) que põem em perigo a fé das comunidades. São Igrejas que experimentam a pobreza, as calúnias dos adversários, o cárcere (*Ap 2, 9-10*), inclusive o martírio por sua fidelidade ao Evangelho (*Ap 2, 13*). Ressalta também os que perderam o primeiro amor (*Ap 2, 4*) e já não são nem frios nem quentes, mas mornos (*Ap 3,16-17*). E que se deixam enganar pelas falsas doutrinas (*Ap 2,14-15.20-23*), ao ponto de suas obras não merecerem a aprovação de Deus (*Ap 3, 2*) (Xavier Alegre, 2014).

O profeta João recorda as coisas boas que continuam existindo no meio das comunidades, porque, como lembrou também o Papa São João XXIII, um profeta nunca é um anunciador de calamidades. Entre outras coisas, recorda que elas se esforçam, sem ceder à fadiga, viveram na integridade, sofreram por Jesus e não suportaram os falsos apóstolos (*Ap 2, 3-4*). Apesar de sua pobreza, na realidade são ricas (*Ap 2, 9*), mantendo-se fiéis a Jesus, sem renegar sua fé (*Ap 2,13*). Elogia também suas boas obras, seu amor fraterno, sua fé e sua dedicação e resistência (*Ap 2, 19*). E afirma que alguns seguiram o exemplo da paciência de Jesus (*Ap 3, 10*) (Xavier Alegre, 2014).

No entanto, assim como recordou as falhas, convida as comunidades à conversão, a voltar ao primeiro amor e à fidelidade ao Evangelho, porque Jesus repreende aqueles que ele ama (*Ap 3, 19*). Disso depende não só sua salvação no fim dos tempos, mas também a transformação deste mundo, de modo que sua fidelidade ao Evangelho consiga, inclusive, a queda do império injusto e opressor. Seguindo a reflexão de Xavier Alegre, há que ter claro que a marginalização é causada pelo Império Romano. Este não tolera o desacordo diante dos valores que fazem adorar o imperador como senhor, provocando assim a rejeição das Igrejas cristãs (simbolizadas pelas 7 Igrejas da Ásia, em *Ap 2 e 3*, que só aceitam como Senhor e Deus o Pai e o Cordeiro degolado (*Ap 2, 19*) (Xavier Alegre, 2014).

Os valores que as comunidades cristãs procuram encarnar em sua vida se contrapõem aos falsos valores do império. E o império *reage* perseguindo e marginalizando, o que produz o aparecimento de alguns mártires nas comunidades.

Graças às maravilhas que lhe foi concedido realizar em presença da Besta, ela seduz os habitantes da terra, incitando-os a fazerem uma imagem em honra da Besta que tinha sido ferida pela espada, mas voltou à vida. Foi-lhe dado até mesmo infundir espírito à imagem da Besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem *todos os que não adorassem a imagem da Besta*. Faz também com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos recebam uma marca na mão direita ou na frente, para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome (*Ap 13, 14-17*).

Diante disso, o profeta João se propõe a conscientizar os cristãos das comunidades para desenvolverem uma resistência lúcida diante do império. Da mesma forma, se preocupa em alimentar e avivar a esperança para que vivam sua fé cristã e fomentem os valores alternativos do evangelho, que são os que, a longo prazo, farão cair o poder do Império Romano.

Para o que segue, fixamo-nos em destacar algumas marcas da espiritualidade do conflito que transparecem na vida das comunidades, a saber, resistência lúcida (1), a esperança ativa (2), o resgate da utopia (3) e o Apocalipse como um final aberto para continuar na luta (4)³.

Resistência lúcida

Diante dos enganos e das ameaças do império, é fundamental uma resistência lúcida que implica na missão de desmascarar as ideologias disseminadas pelo império para não se deixar enganar ingenuamente. Significa não se deixar levar pelos sucessos aparentemente maravilhosos, oferecidos pelas luzes do império. É preciso desmascarar a falsa propaganda do império que, como falso profeta (*Ap 20, 10; 13, 11-17*), pretende enganar e desmobilizar as vítimas do sistema político e econômico romano. A falsa propaganda é um meio típico de todos os impérios para quebrar a resistência dos oprimidos e evitar que os *indignados* se revoltem contra os males dos sistemas opressores (Xavier Alegre, 2014).

João, em compensação, tomando a história a partir de seu final, mostra claramente o triunfo de Deus. O autêntico Senhor da história é Deus, que acabará destruindo o império por meio das pragas (*Ap 16-17*). Inclusive, com a ressalva de que as pragas não são criação de Deus, mas consequências do próprio império que não se converte. A vitória não vem pelo poder da força, mas pelo seu inverso, ou seja, pelo Cordeiro degolado, que está de pé (ressuscitado) como triunfo de Deus que vem montado num cavalo branco (*Ap 19, 11-16*).

No *Ap 18*, encontramos os quatro cânticos que apontam as causas da queda do Império Romano. A enumeração dessas causas é um aviso direto e claro a todos os poderes totalitários da história subsequente. Entre os motivos, encontramos: arrogância presunçosa da sua força (v. 7); luxo extremado (v. 16); organização e comércio para acumular e consumir (v. 19); escraviza a vida (v. 13); persegue e mata crente e não-crente (v. 24); idólatra que não aceita Deus (v. 2); difunde a idolatria e embriaga a terra com uma propaganda planejada (v. 3) (Mesters; Orofino, 2002).

Destarte, na mesma direção está a posição de José Adriano Filho, quando avalia que no capítulo 18, temos o ponto alto do julgamento da babilônia, que representa simbolicamente o Império Romano. Os v. 23b-24 apresentam três razões para o julgamento da grande cidade. 1) Os seus mercadores formam os grandes da terra. 2) Na sua feitiçaria foram seduzidas todas as nações. 3) Nela se encontra sangue de profetas, santos e de todos os que foram mortos sobre a terra (Adriano Filho, 1999).

³ Seguiremos de perto as considerações de Xavier Alegre (2014).

Esperança ativa

Diante da dura situação que as comunidades cristãs estão vivendo, o desespero aparece como resposta óbvia. O império goza de um poder aparentemente insuperável. Nada faz imaginar que poderá ser vencido e desaparecer (Roma demorou três séculos para ser derrotada e vencida). Tudo isso facilita para que o medo paralise a luta cristã. Por isso, João tem tanto interesse em fundamentar a esperança cristã e em reforçar o ânimo dos membros de suas comunidades, contrariando aos que sustentam uma leitura fundamentalista (Xavier Alegre, 2014, p. 43).

Xavier Alegre (2014) chama atenção de que o Apocalipse não pretende fundamentar o medo do fim do mundo e dos acontecimentos terríveis que este fim possa comportar. Essa perspectiva somente aparece no fim do livro, em duas visões. Na primeira se descreve o juízo do fim dos tempos (Ap 20, 11-15, preparado em Ap 20, 7-10); e na segunda (Ap 21, 1-22,5), quando é revelada a visão gloriosa do novo céu e nova terra, a Jerusalém celeste, onde não haverá nem morte, nem pranto, nem luto, nem dor, porque Deus será de todos (Ap 21, 1-5). O restante do livro se refere à situação vivida pelas Igrejas (Ap 1, 13-3,22), que são convidadas à conversão e à luta definitiva contra Roma (Ap 8, 2-14,5), não pelas armas, mas encarnando o Evangelho em suas próprias vidas (Ap 10) e dando testemunho do mesmo (Ap 11, 1-14), com consciência certa de que o verdadeiro Senhor da história não é Roma, e sim Deus Pai e o Cordeiro degolado (Ap 5) (Xavier Alegre, 2014).

Na luta entre o bem e o mal que acontece neste mundo e que João explica simbolicamente no coração de seu livro (Ap 12-13), o bem, representado por Deus, que atua por meio do Arcanjo Miguel (Ap 12, 1-2.5.7), vence claramente a trindade satânica, representada pelo dragão vermelho (Ap 12, 3.9), o Império Romano ou besta do mar (Ap 13, 1-10.18) e a propaganda do império ou besta da terra (Ap 13, 11-17).

Diante dos impérios econômicos e políticos atuais, é necessário ter lucidez crítica, esperança e resistência ativa, de acordo com o que vimos em João. A lucidez crítica evitará que nos deixemos enganar pela propaganda do sistema econômico neoliberal dominante. E, ao mesmo tempo, manter viva a esperança de que outro mundo é possível e necessário, um mundo no qual reine a paz com justiça, um mundo no qual Deus reina realmente, não havendo mais pobres (Dt 15, 4; At 4, 32-35).

Uma resistência ativa que, encarnando os valores *contraculturais* do Evangelho, observe os mandamentos de Deus, expressos na Aliança com Israel, e mantenha vivo o testemunho de Jesus (Ap 12,17) que foi crucificado por causa de sua radical opção pelos pobres. Na compreensão de Mesters e Orofino, essa foi a maneira de concretizar a fé que sustentava os pequenos. “Era a espiritualidade que lhes dava a paciência histórica para continuar resistindo e, no fim, vencer o opressor pelo cansaço”. Dessa forma, os pobres unidos no projeto do Cordeiro, “souberam encontrar os símbolos e as imagens que transmitiam a Boa Nova da presença libertadora de Deus no meio do povo” (Mesters; Orofino, 2005, p. 136).

Essa esperança quando vivida de forma ativa, e não passiva, se coloca em confronto com os valores do império, sem cair no pacifismo e na submissão. Este confronto ocorre no campo cultural, ético, espiritual e teológico. No campo cultural o império prioriza o consumismo, o individualismo, o espiritualismo que despreza o corpo e a natureza. O povo enfrenta o Império com a cultura popular que é cultura-comunidade, cultura-corpo, cultura-natureza. No campo ético, o Império deseja o lucro ao máximo, sua força é a mentira e o orgulho; domina submetendo os povos a processos de violência. O povo de Deus enfrenta a besta fazendo da vida humana o valor ético máximo. O bom e racional não é o que produz lucro, mas que potencializa a vida plena. No campo espiritual, acontece o embate entre os ídolos da morte e o Deus da vida; entre a idolatria e a blasfêmia da besta e a fé do

povo de Deus. No campo teológico, o confronto é entre o Império e o Reino de Deus. Os que estão com o Império dizem não ao Reino e os que estão com o Reino dizem não ao Império. Não existe dois amores, ao amar um se está colocando contra o outro, ou seja, a Deus ou ao dinheiro, ou a Deus ou a César. “Devolvei, pois, o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus” (Mt 22, 21).

Nesse sentido, Deus é transcendente porque rompe com as cadeias da opressão. Em Isaías o limite é a opressão, e a morte continua a existir. No Apocalipse, o escatológico é a dimensão que põe fim ao Império, que gera opressão e morte. O mundo transcendente é agora um mundo sem morte.

Resgate da utopia

Vi descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para o seu homem (Ap 21, 2). Vai ter festa, vai ter casamento. Nunca mais vai ter traição. Os antigos laços de amor serão para sempre reatados. Os dois se falarão ao coração, os dois se chamarão ‘minha mulher’ e ‘meu homem’, os dois serão uma só carne. O antigo jardim será reaberto para sempre e o projeto de Deus será consumado sem mais a serpente, agora jogada ao lago de enxofre e de fogo e entregue à segunda e definitiva morte. “Os dois estavam nus e não se envergonhavam”. Vai voltar a ser tudo como era antes da serpente, antes do dragão. Só o amor terá vez. Será uma nova criação: serão novos céus e nova terra: “eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 1.5). Sem mar, sem lágrimas, sem templos (Ap 21, 1.4.22).

Sandro Gallazzi faz um significativo comentário em relação a estas três referências: sem mar, sem lágrimas e sem Templo. Pilares para repensar o projeto de Deus. O mar, lugar da Besta, memória permanente de tantas explorações não existe. Nunca mais templo, tornado presença inútil pela presença viva do Deus todo-poderoso e do Cordeiro. O Senhor não precisa mais de mediadores consagrados que em nome de Deus exercem o domínio e o poder. O Senhor não precisa mais de lugares e coisas santas que mantêm afastados os pobres, as mulheres, os impuros, legitimando liturgicamente todas as pirâmides sociais que os poderosos estabelecem muitas vezes em nome de Deus. Por isso, não haverá mais lágrimas: sem mar e sem templo não haverá quem nos faça chorar, porque desaparecerão os covardes, os infiéis, os corruptos, os assassinos, os mágicos, os idólatras, todos os mentirosos, cuja porção é o lago ardente de fogo e enxofre e a segunda morte. Desaparecerão junto com o Dragão e as duas Bestas (Ap 21, 8) (Gallazzi, 1999).

Isso faz pensar sobre a nova Jerusalém que não pode ser pensada no sentido de pólis. A destruição desse tipo de cidade e da cidade por excelência, Roma, a capital do império, a nova Babilônia, a grande prostituta, faz parte do programa e do sonho do Apocalipse (Ap 18, 1-18). Por isso, para Gallazzi (1999), o centro da nova terra não será Roma, a cidade dos *césares*, dos *senhores* do império; nem será Jerusalém, a cidade do ‘Senhor’, a cidade dos sacerdotes como mediadores e controladores da graça divina. Para Gallazzi (1999, p. 97) “o novo centro, o lugar do trono de Deus e de seu Cordeiro, não será nem o palácio imperial, nem o templo de Jerusalém. O novo centro é Patmos: o lugar do conflito, o lugar da perseguição, o lugar onde estão os que são capazes de dar sua vida pela Palavra de Deus e pelo Testemunho de Jesus”.

E, para que isso seja realidade e que todas essas coisas aconteçam a partir de hoje, de acordo com a proposta do Apocalipse, é necessária uma espiritualidade radical do seguimento ao Cordeiro. Esse seguimento significa vencer, desde já, a tentação de prostrarmos para adorar quem quer que seja!

Eu, João, fui o ouvinte e a testemunha ocular destas coisas. Tendo-as ouvido e visto, prostrei-me para adorar o Anjo que me havia mostrado tais coisas. Ele, porém, me impediu: Não! Não o faças! Sou

servo como tu e como teus irmãos, os profetas, e como aqueles que observam as palavras deste livro. É a Deus que debes adorar! (Ap 22, 8-9).

O prostrar-se em adoração somente diante de Deus, relativiza qualquer que seja outras referências, conduz à liberdade e à vida, mesmo que isso leve a enfrentar conflitos e morte. O Reino de Deus não será derrotado nem pelo Dragão nem por seus aliados, sejam eles de Roma ou de Jerusalém. O Reino de Deus não será derrotado pela nossa morte. Só não nasce se nós o abortamos. “Felizes os que lavam suas vestes para terem poder sobre a árvore da Vida e para entrarem na Cidade pelas portas” (Ap 22, 14). Então, que venha a perseguição. Sua presença é o sinal mais autêntico da vinda do Senhor, da aproximação do Reino de Jesus (Galazzi, 1999).

Esta perspectiva ajuda, da mesma forma, a recolocar e sintonizar a linguagem apocalíptica com seu objetivo primeiro: revelação do projeto originário do Cordeiro imolado – morto e ressuscitado no seio da história. Isso contribui para compreender a dimensão escatológica sem prejuízo aos processos históricos. Coisa que a exegese liberal interpretou mal, por isso entendeu a pregação do Reino de Deus em termos de uma escatologia totalmente extramundana, cósmica, fora da história, à margem das mudanças sociais e políticas (Richard, 1990). Afirma ainda que se a Igreja admitiu no Cânon o Apocalipse foi por um duplo objetivo: “resgatar a dimensão profético-apocalíptica da Igreja e freia o arrombo apocalíptica alienante” (Richard, 1990, p. 37).

Em tempos em que o sistema globalizado capitalista diz que chegou o fim das utopias, o Apocalipse justamente reforça que a história continua aberta e nas mãos de Deus. Desfazendo assim o dogma perene do sistema capitalista do *fim da história*.

Apocalipse, um final aberto para refazer a história

Embora o livro do Apocalipse conclua estabelecendo o modo do reinado definitivo de Deus, por mais que inclua sobre o final certas expressões que parecem fechar as possibilidades, inclusive com ameaças para quem acrescentar ou tirar do livro (Ap 22, 18-19), na realidade é um final aberto. Essa é a tese defendida por Míguez, pois João descreve uma visão e não a totalidade da história, nem sequer a ação enclausuradora do juízo de Deus sobre a história, mas o amor de Deus e sua vontade redentora para a humanidade peregrina. A primeira ação de Deus no estabelecimento da nova Jerusalém é, na visão do prisioneiro de Patmos, o fim das dores (Ap 21, 4). É difícil imaginar uma figura mais materna e compassiva (Míguez, 1999).

Para comunicar esta mensagem, Deus se vale de uma visão, uma presença imediata que não precisa de estudos eruditos, de rituais elaborados, de hierarquias institucionais. Nesse sentido, a visão de João testemunha a liberdade divina de se comunicar com quem Deus escolher. Essa liberdade divina, no entanto, não se faz valer de qualquer forma, mas é comunicada por alguém (João) que se sente “irmão e companheiro” no meio dos sofrimentos e prisões (Ap 1, 9). É mais uma amostra da opção que Deus faz pelos despossuídos, pelos sofredores e pelos sem poder (Míguez, 1999).

Por esses motivos, o Apocalipse tem um final aberto, porque mostra que o Império Romano, simbolizado no Dragão, Serpente, Besta, Babilônia, não tem o poder de plenitude. Seu poder é maléfico e tem os pés de barro. E que Deus, força dos pequenos, ressuscita, a partir de baixo, dos últimos, a vida dos santos que alvejaram suas roupas no sangue do cordeiro e não se deixaram contaminar pela ideologia do Império Romano. Por isso, a história também continua aberta nas mãos de Deus, mas, da mesma forma, Deus se revela com opção/preferência de quem tem lado, e esta é a certeza dos pobres e oprimidos da história.

Por isso, em síntese, o Apocalipse continua sendo um livro aberto e impulsionador da mística revolucionária, que elimina os medos de enfrentar os dragões e as bestas feras em cada contexto histórico. Segundo Néstor Míguez (1999), o impulso têm suas razões, a saber: (a) é a visão de um prisioneiro de Patmos que abre a história que muitos querem fechar; (b) assim, recupera o direito dos marginalizados a reinventar a sua fé libertadora; (c) volta a pôr no centro o Cordeiro degolado que resgata todas as vítimas; (d) chama ao testemunho os que estão dispostos a perseverar na esperança mesmo no meio das forças destrutivas; (e) e, por fim, mostra a presença de Deus em seu aspecto mais materno.

Ora, essas razões são expressivas e continuam fomentando uma espiritualidade para enfrentar as ideologias fatalistas neoliberais que mercantilizam tudo. Previne contra as falsas alternativas propostas pela violência ou pela inércia. Resistir é lutar para se defender do sistema opressor e criar as condições para se conseguir a justiça e a paz. Nesse sentido, a fé cristã convoca a sair da passividade e buscar, sempre mais, novos paradigmas que afirmam a vida em todas as suas dimensões.

O neoliberalismo globalizado atual, baseado na eficiência e produtividade, impõe valores econômicos e tecnológicos que minam as bases do projeto de Deus destruindo valores essenciais para a construção de uma sociedade democrática, cristã e humana. Diante desse modelo vigente, o Papa Francisco (2013) afirma que:

as graves crises financeiras e econômicas dos nossos dias – que têm a sua origem no progressivo afastamento do homem de Deus e do próximo, com a ambição desmedida de bens materiais, por um lado, e o empobrecimento das relações interpessoais e comunitárias, por outro – impeliram muitas pessoas a buscar o bem-estar, a felicidade e a segurança no consumo e no lucro fora de toda a lógica duma economia saudável (...). As sucessivas crises econômicas devem levar a repensar adequadamente os modelos de desenvolvimento econômico e a mudar os estilos de vida.

Na apocalíptica há uma luta entre a proposta de Deus e projetos que desumanizam e eliminam a vida da maior parte da humanidade. Não podemos desconhecer nem minimizar esta realidade e nem construir ilusões de que isso vai mudar pela magia. Não podemos, também, duvidar de que este projeto possa ser refutado por pessoas. No entanto, todos podem se converter ao Reino de Deus. Cabe, contudo, não excluir os que excluem, não abandonar à sua sorte os que desumanizam, “não apagar o espírito” (1Ts 5, 19).

Nossa luta não é, pois, contra nenhum ser humano senão contra as forças desumanizantes que agem na história e, também, em nossos corações. Isso significa superar o esquema de exclusão vigente e não menos presente no horizonte de lutas de classes. Se nosso esquema é inclusivo e, por isso, partimos dos excluídos, não podemos viver esta opção de modo excludente. Isso não é fácil.

Conclusão

Nosso objetivo foi compreender o livro do Apocalipse como fomentador de uma espiritualidade cristã do seguimento do Cordeiro morto e ressuscitado. Essa espiritualidade vem sempre acompanhada pela marca dos conflitos, pois, como lembra o próprio Jesus: “se a mim me perseguiram, também vos perseguirão a vós” (Jo 15, 20). No entanto, quando há perseguição e martírio significa que existe fidelidade ao mandamento do amor até o fim, como fez Jesus. Nessa situação, os discípulos são bem-aventurados do Reino e precisam manifestar alegria e a paz, porque tudo isso é sinal maduro da configuração do seguimento a Jesus.

A leitura que realizamos, mesmo que de forma superficial, mas contextualizada dentro do conjunto do livro do Apocalipse, fez perceber a força revolucionária desta narrativa para a vida de fé das comunidades cristãs. Outrossim, vemos pelas influências no contexto atual, que o Apocalipse não é algo do passado, mas continua presente e, de diferentes formas, motivando a luta, a resistência e a vida plena. E uma das formas de tirar o poder revolucionário é apresentá-lo direcionando-o aos fins dos tempos. Muito pelo contrário, quer ser um livro de descobertas radicais e revolucionárias, no sentido de despertar a fé ativa e a esperança de uma história que permanece em possibilidade, mesmo frente aos dragões, às bestas e aos males do mundo.

Pelo que conseguimos avançar na reflexão, e dada a novidade epocal provocada pela irrupção do Vaticano II, não se pode mais compreender a história separada da manifestação de Deus. A fé que age pela caridade santifica o mundo deixando a criação de Deus mais bela, solidária, fraterna e justa. Significa o compromisso de todos os cristãos de viver sua fé como dom-tarefa, como lembra o Papa Francisco: “o cristianismo é para ser praticado” (Francisco, 2018, 109).

Ora, no Apocalipse um dos elementos centrais é a capacidade das comunidades lerem a história a partir da ótica de Deus. Aos olhos humanos estão todos fadados a serem engolidos pelos dragões e as bestas feras. E quem poderá resistir? (Ap 6, 17). Na força do Deus, que faz aparecer o que não se vê, encontra-se a capacidade resiliente e resistente de continuar “mais um tempo”, ou “um tempo e meio” para que chegue o fim do sofrimento e desponte o novo amanhecer. Uma Jerusalém celeste, onde jamais se faz existir lágrimas, luto, sofrimentos, mortes e nem mesmo pessoas queimadas pelo sol (Ap 7, 16).

Ao relacionar a Jerusalém celeste com a perseverança dos cristãos no percurso da história através de ações concretas, o Apocalipse abre um caminho fecundo para a superação de uma espiritualidade intimista, cômoda e sem preocupação com a dor dos outros. A inserção cristã no mundo, além de ser exigência constitutiva da fé cristã, por ser testemunhada por Jesus na encarnação (Jo 1, 14), surge como central para a passagem de uma concepção de espiritualidade de *fuga-mundi* para *amor-mundi*. Estar no mundo sem ser do mundo, como pede Jesus, é a condição de todos os batizados para obter a salvação (Jo 17, 14).

“É tarde mas é
madrugada se insistirmos
um pouco” (Casaldáliga, 2003).

Referências

- Adriano Filho, J. Caos e recriação do cosmos: a percepção do Apocalipse de João. *Ribla*, n. 34, p. 99-119, 1999.
- Barros, M. “Voltar ao primeiro amor”. O compromisso da Igreja latino-americana e o bolivalismo. *Estudos Bíblicos*, v. 31, n. 121, 11-21, 2014.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- Casaldáliga, P. *Nossa espiritualidade*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- Francisco, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- Francisco, Papa. *Gaudete et Exultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.
- Gallazzi, S. Sem mar, sem templo e sem lágrimas (Apocalipse 21-22). *Ribla*, n. 34, p. 93-98, 1999.
- Manuel Ferrer, P. A marca da besta. *Ribla*, n. 34, p. 69-78, 1999.
- Mesters, C. A prática evangelizadora de Jesus revelada nos evangelhos. *Sociedade Brasileira de Canonistas*, 2009. Disponível em: <https://www.infosbc.org.br/site/artigos/707-a-pratica-evangelizadora-de-jesus-reveleda-nos-evangelhos-iii-por-carlos-mesters-oc>. Acesso em: 16 fev. 2024.

- Mesters, C.; Orofino, F. *Apocalipse de João: esperança, coragem e alegria*. São Leopoldo. Paulus/Cebi, 2002.
- Mesters, C.; Orofino, F. Não tenham medo! Resistir e perseverar: a espiritualidade do Apocalipse de João. In: *CEBS: Espiritualidade Libertadora – Seguir Jesus no compromisso com os excluídos*. 11º. Intereclesial das Cebis. Ipatinga, 2005. p. 118-144.
- Míguez, N. O. João de Patmos, o visionário e sua visão. *Ribla*, n. 34, p. 30-44, 1999.
- Müller, G. L.; Gutiérrez, G. *Ao lado dos pobres: teologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- Richard, P. Editorial. Apocalíptica, esperança dos pobres. *Revista de Interpretação Bíblica Latina-americana*, n. 7, p. 5-7, 1990.
- Xavier Alegre, S. O Apocalipse de João, modelo de releitura crente da vida em tempos de crise. *Concilium*, v. 356, p. 37-45, 2014.